

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Museologia e Conservação e Restauro
Curso de Bacharelado em Museologia

Trabalho de Conclusão de Curso



**O recurso da audiodescrição usado durante o passeio do CityTour Acessível
no Museu Municipal Parque da Baronesa, Pelotas/RS**

Ellen de Souza Guilherme

Pelotas, 2021

Ellen de Souza Guilherme

O recurso da audiodescrição usado durante o passeio do CityTour Acessível no
Museu Municipal Parque da Baronesa, Pelotas/RS

Trabalho de conclusão do curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Carla Rodrigues Gastaud

Pelotas

2021

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

G953r Guilherme, Ellen de Souza

O recurso da audiodescrição usado durante o passeio do citytour acessível no Museu Municipal Parque da Baronesa, Pelotas/RS / Ellen de Souza Guilherme ; Carla Rodrigues Gastaud, orientador. — Pelotas, 2021.

39 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Acessibilidade. 2. Audiodescrição. 3. Museu. I. Gastaud, Carla Rodrigues, orient. II. Título.

CDD : 069

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

Dedico esta monografia ao meu filho, que mesmo com pouca idade, mas muito afeto, entendeu a importância desta pesquisa e dos dias abdicados por ela.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer ao meu filho Pedro que mesmo pequeno e com pouco entendimento me ajudou a seguir em frente, com muito afeto, paciência e carinho, trazendo inspiração à minha escrita.

Agradeço à minha orientadora Prof^a. Dr^a. Carla Rodrigues Gastaud pela dedicação, compreensão e paciência nos momentos em que pensei em desistir.

À minha família, minhas duas mães, Cristina e Daniela, pelo apoio, carinho, paciência e puxões de orelha quando necessário e por me proporcionarem a tranquilidade necessária para pesquisar.

À minha avó Cleuza que mesmo com baixo letramento não deixou de me incentivar sobre a importância do tema pesquisado.

À minha irmã e meu pai que mesmo de longe não deixaram de me acompanhar nesta caminhada, diariamente me mandando votos e mensagens positivas.

Ao grande amigo Celso Grün que sempre esteve ao meu lado, dando incentivo, não deixando desanimar, acompanhando todos os meus projetos e invenções ligados à acessibilidade, agradeço imensamente a ele.

Não poderia deixar de agradecer aos amigos Debora e Rinaldo Galli pela acolhida nos momentos em que me senti incapaz de dar segmento a monografia, me apoiando totalmente em todo o percurso.

Agradeço também ao meu amigo irmão, parceiro, confidente e apoiador, Leandro Pereira que me apresentou a acessibilidade em ambientes culturais e sendo o idealizador dos projetos. Ao Rafael Chaves, amigo que a museologia me proporcionou e está sempre presente.

Agradeço a equipe maravilhosa do CityTour e levarei sempre comigo em todos os projetos, Leonardo Reichert, Cíntia Curvello e Miriam Martha Garcia. Sem eles essa iniciativa não teria acontecido da forma positiva como foi.

RESUMO

A acessibilidade comunicacional através da audiodescrição ainda é um recurso pouco explorado dentro dos ambientes culturais, esta pesquisa teve como objetivo geral, mostrar que é possível tornar conteúdos verbais em conteúdos imagéticos, para incluir pessoas com deficiência visual nesses lugares. A experiência relatada aqui aconteceu em 2017, no Museu da Baronesa, durante um City tour acessível. Os relatos dos participantes indicam que a aplicação do recurso obteve resultados positivos.

Palavras-chave: Acessibilidade; Audiodescrição; Museu.

ABSTRACT

Communicational accessibility through áudio description still a little explored resource within cultural environments, this research aimed to show that it is possible to turn verbal content into image content, including people with visual impairments in these places. The experience reported here took place in 2017, at Museu da Baronesa, during an accessible city tour. The participants' reports indicate that the application of the resource had positive results.

Keywords: Accessibility; Audiodescription; Museum.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa da localização do Museu Municipal Parque da Baronesa, Pelotas/RS	12
Figura 2: Fachada do Museu Municipal Parque da Baronesa, Pelotas/RS	13
Figura 3: Casal de cegos percebendo com detalhes um dos casarões da exposição	19
Figura 4: Grupo de deficientes visuais usando o recurso e percebendo com detalhes a exposição na Fenadoce	20
Figura 5: Grupo de deficientes visuais usando o aparelho MP3 e o tato na “Rumo de fotografia analógica”	21
Figura 6: Convite para o CityTour Acessível	23
Figura 7: Detalhe da experiência tátil no Casarão Oito	24
Figura 8: Visitação ao Mercado Público	25
Figura 9: Visitação à praia do Laranjal	25
Figura 10: Visitantes em experiência tátil no mobiliário do MMPB	27
Figura 11: Locução audiodescritiva do quarto de vestir do MMPB	28
Figura 12: Locução audiodescritiva da entrada do MMPB	28
Figura 13: Reportagem sobre o passeio acessível	29
Figura 14: Postagem sobre o Citytour e vídeo disponível no Facebook da PMP	30

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 O RECURSO DA AUDIODESCRIÇÃO COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO INCLUSIVA	11
2.1 Histórico do Museu Municipal Parque da Baronesa	11
2.2 Acessibilidade comunicacional em museus	13
2.4 Caracterização da audiodescrição	15
2.5 Audiodescrição como mediação.....	17
2.6 Exemplos de exposições inclusivas com uso de audiodescrição.....	19
3. A EXPERIÊNCIA DO CITYTOUR ACESSÍVEL.....	23
3.1 CityTour Acessível – experiência no Museu Municipal Parque da Baronesa	25
3.2 Relatos dos participantes após a experiência com o CityTour	30
REFERÊNCIAS	35
APÊNDICES	37
1 Audiodescrição locucionada no Museu Municipal Parque da Baronesa: exemplo os quartos de vestir e dormir;	38

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia aborda um estudo de caso de acessibilidade comunicacional, em uma experiência de mediação praticada com o recurso da audiodescrição no Museu Municipal Parque da Baronesa, localizado em Pelotas/RS.

O evento contou com uma equipe interdisciplinar dos cursos de Letras e Tradução, Museologia e Turismo, todos da UFPel, com a promoção da Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo de Pelotas (SDET) que deu espaço também a outros pontos da cidade: os Casarões do entorno da Praça Coronel Pedro Osório, Mercado Público e Praia do Laranjal. Este trabalho se insere na área dos Direitos Humanos, mas também está relacionado à cultura, visto que a acessibilidade e a inclusão que propõe à cultura e à educação, além de proporcionar aos voluntários o aprendizado e a prática da tradução audiovisual durante a experiência, beneficia ainda mais o público alvo, as pessoas com deficiência.

O propósito da pesquisa é mostrar que é possível tornar verbais informações imagéticas em lugares tão pouco prováveis (mas muito possíveis e desejáveis), como em um museu ou em exposições fotográficas, com o recurso de audiodescrição, ao vivo ou previamente gravada. A inclusão pela acessibilidade comunicacional e atitudinal em ambientes culturais é importante a fim de promover o entendimento e o direito a cultura para pessoas muitas vezes excluídas desses ambientes, pessoas com deficiência, seja ela visual, baixa visão, baixo letramento e disléxicos.

Justifica-se que a percepção do bem patrimonial nos âmbitos culturais é otimizada pela compreensão e desfrute dos visitantes.

Esse trabalho reflete sobre a acessibilidade em ambientes culturais e sobre o direito da pessoa com deficiência a esses espaços, bem como sobre mediação inclusiva e audiodescrição.

Além dessa ação no Museu, a presente monografia mostra outros exemplos de exposições acessíveis que ocorreram na cidade de Pelotas, elencando resultados favoráveis em algumas e desfavoráveis em outras, pelo fato de o recurso acessível atitudinal ou comunicacional, como o caso da audiodescrição, requerer conhecimento e estudo ao ser aplicado.

Essa pesquisa é relevante por mostrar a necessidade das instituições museais estarem preparadas para receber o público com deficiência visual, gerando uma perspectiva para que esse se identifique e trazendo à tona questões de

identidade, reconhecimento, memória e autoestima. Geralmente as pessoas com deficiência são desconsideradas como público visitante em ambientes culturais, o que resulta na falta de estrutura para atender as especificidades da diversidade humana. Muitas barreiras são enfrentadas por essas pessoas tais como: atitudinais, arquitetônicas, comunicacionais, entre outras que precisam ser solucionadas para que esse público tenha um melhor entendimento do que está exposto.

O objetivo geral foi analisar a mediação acessibilizada por meio do recurso da audiodescrição para a inserção das pessoas com deficiência, usando como estudo de caso o Museu Municipal Parque da Baronesa (MMPB). De modo específico visou-se verificar se de fato a audiodescrição e a locução foram feitas de maneira eficaz e se obtiveram resultados positivos e divulgar os relatos do grupo beneficiado pela ação e da instituição selecionada.

2 O RECURSO DA AUDIODESCRIÇÃO COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO INCLUSIVA

Este capítulo explora a acessibilidade comunicacional em museus, com enfoque no recurso da audiodescrição como meio de comunicação inclusiva no Museu Municipal Parque da Baronesa.

2.1 Histórico do Museu Municipal Parque da Baronesa

O Museu Municipal Parque da Baronesa, localizado no Rio Grande do Sul, na cidade de Pelotas, foi inaugurado em 1982, e no dia 4 de julho de 1985 o parque e suas edificações foram tombados pelo Conselho Municipal do Patrimônio Histórico-Cultural (DE LEÓN, 1993). Os ambientes do Museu foram concebidos para manter a tipologia de uma residência, com o acervo próprio da família que ficou na casa e peças legítimas da época, oriundas de doações da família Antunes Maciel e também da comunidade(MUSEU DA BARONESA, 2017).

Conforme De León (1993) o Solar, datado de 1863, foi construído no auge do período das charqueadas. A propriedade onde se constituiu a Chácara da Baronesa, por herança materna, pertencia ao Coronel Annibal Antunes Maciel que, na década de 1870, a transferiu para seu filho, Annibal Antunes Maciel Júnior. Este, mais tarde nomeado Barão de Três Serros, que em 1864 se casou com Amélia Hartley de Brito, na cidade do Rio de Janeiro.

Quando o casal se mudou para Pelotas, instalou-se na chácara, conhecida na época como Parque Annibal, onde viveram mais duas gerações da família (MUSEU DA BARONESA, 2017).

Segundo o *card* informativo do Museu da Baronesa(2017), em 1978 uma parte da propriedade foi doada ao município por descendentes da família, sob a condição de que o parque e a casa fossem abertos ao público. O solar de linhas neoclássicas sofreu algumas alterações durante a restauração, como a simplificação da fachada.

O Museu Municipal Parque da Baronesa tem como missão, guardar e preservar bens de valor histórico e cultural, que representam os usos e costumes da sociedade pelotense, abrangendo das últimas décadas do século XIX até as primeiras décadas do século XX, bem como sua comunicação e exposição ao

público, para promoção do conhecimento e educação para a sociedade e seu desenvolvimento (MUSEU DA BARONESA, 2017).

Com uma grande área verde de gramado, bosques, jardins, pista para caminhada e lago artificial, o Parque costuma ser utilizado por pessoas de todas as idades para atividades de lazer dos mais variados tipos, como leitura, exercícios físicos e recreação. O Parque e o Museu, embora façam parte da mesma propriedade, podem ser aproveitados de formas distintas pelos visitantes, porque nem sempre quem frequenta o Parque visita o Museu e vice-versa.

O Museu da Baronesa, como é popularmente conhecido, por ser a Baronesa Amélia a mais famosa proprietária e moradora da casa e ter sua história entremeada com o Solar, retrata uma casa pertencente a uma família abastada da cidade: a família Antunes Maciel, e serve como exemplo referencial daquilo que era comum às famílias relacionadas da mesma classe social. Todavia, tem sido feito um esforço consistente por apresentar no Museu outros aspectos e mostrar que no século XIX nem tudo era luxo e que muitos personagens acabaram ocultados, mas tiveram papel fundamental na formação da sociedade: copeiras, passadores, cozinheiras (DE LEÓN, 1993).

Figura 1: Mapa da localização do Museu Municipal Parque da Baronesa, Pelotas/RS



Fonte: TripAdvisor, 2015.

Figura 2: Fachada do Museu Municipal Parque da Baronesa, Pelotas/RS



Fonte:Diário Popular, 19 de outubro de 2019.

2.2Acessibilidade comunicacional em museus

Conforme Cury (2005), falar em comunicação em um museu é inevitável posto que todos os museus, independente de tipologia, são ambientes culturais e cultura e comunicação estão diretamente ligadas, por este motivo, pode-se falar em comunicação cultural.

O museu adquire acervos, pesquisa, salvaguarda e expõe, a comunicação se dá pela exposição. As instituições museais dão sentido a seus objetos/acervos expondo-os, ou seja, fazendo com que tais objetos expostos cumpram o seu papel social, permitindo que tal comunicação aconteça. O processo de comunicação requer sensibilidade, tendo em vista que precisa estar próximo do entendimento dos mais variados tipos de público. Portanto, o trabalho de exposição e comunicação deve ocorrer tendo o público como referência.

Contextualizar os objetos museológicos só teria sentido se, ao mesmo tempo, contextualizássemos o tema e o assunto face ao cotidiano das pessoas. Não basta expor contextualizando a partir da origem do artefato e sim expor fazendo com o que se estabeleça vínculos entre culturas, entre

grupos e entre pessoas de culturas diferentes e isso se dá na comunicação em sentidos (CURY, 2005, p. 6).

As pessoas com deficiência (e não apenas visual), têm direito a usufruir dos artefatos culturais existentes. Por exemplo, os elementos arquitetônicos, as cores das fachadas, vitrais, o formato e a textura do mobiliário e acervo têxtil do Museu da Baronesa, devem chegar à compreensão daqueles que não podem enxergar visualmente, assim como a paisagem do parque que é variada, e composta não apenas por componentes habituais em áreas verdes: árvores, plantas nativas, arbustos e flores; mas também por elementos históricos e culturais, como é apontado durante a visitação, que ajudam a contar a história da cidade e de um modo de vida, entre eles, a Gruta e os caminhos. A mediação inclusiva através da audiodescrição contribui também para uma melhor percepção dos espaços abertos, tanto do Parque da Baronesa quanto de outros pontos da cidade (PEREIRA *et al.*, 2018).

Ao refletir sobre a acessibilidade na linguagem museológica, incluem-se todos e qualquer tipo de público que a instituição poderá receber. A palavra “acessibilidade” abrange não só as pessoas com deficiência e limitações, mas também diversos públicos que demonstram interesse por uma comunicação mais acessível, tendo em vista que a maioria dos museus, sejam eles grandes ou pequenos, empregam uma linguagem mais tradicional, mecânica e, muitas vezes, excludente. Além das pessoas com deficiência, pessoas com baixo letramento, idosos, crianças, disléxicos, transtornos como de déficit de atenção, também se beneficiam da linguagem acessível em museus e outros ambientes culturais.

Segundo Salasar e Michelon (2020), a mesma legislação que visa o caminho para a acessibilidade comunicacional em museus tem lacunas que deixam as implementações e o uso de recursos de acessibilidade a critério da instituição. A acessibilidade comunicacional, juntamente com a acessibilidade atitudinal, está relacionada com a prática da inclusão, entendida como possibilidade de participação na sociedade em condição de igualdade e sem discriminação. A falta dela é uma realidade que aponta que há uma lacuna na missão do museu, ou seja, a acessibilidade comunicacional não está incluída nas prioridades e fundamentos de instituições museológicas.

2.3 Legislação Federal e a Acessibilidade

Em 2 de dezembro de 2010, foi constituída a Lei nº 12.343 que instituiu a criação do Plano Nacional de Cultura (PNC) que assegura a implementação e planejamento de políticas públicas de longo prazo, voltadas à proteção e promoção da diversidade na cultura brasileira. O Plano Nacional de Cultura foi criado em três partes complementares: a cultura como expressão simbólica; direito de cidadania; e campo potencial para o desenvolvimento econômico com sustentabilidade.

Em relação a cidadania, menciona a inserção de pessoas com deficiências em âmbitos culturais, no trecho;

“(...) em 2020, que os brasileiros participem mais da vida cultural, criando e tendo mais acesso a livros, espetáculos de dança, teatro e circo, exposições de artes visuais, filmes nacionais, apresentações musicais, expressões da cultura popular, acervos de museus, entre outros. (...) Tais espaços estarão mais bem equipados, com gestores mais capacitados e qualificados, com acessibilidade garantida a pessoas com deficiência.”(PLANO NACIONAL DE CULTURA, 2012, p. 17)

A Lei Brasileira de Inclusão a Pessoa com Deficiência, nº 13.146 (LBI) também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, criada em 6 de julho de 2015, assegura no Capítulo IX, Direitos à Cultura, ao Turismo, aos Esportes e Lazer. O artigo 42 consagra as seguintes garantias;

- I- A bens culturais em formato acessível;
- II- A programas de televisão, cinema, teatro e outras atividades culturais e desportivas em formato acessível; e
- III- A monumentos e locais de importância cultural e espaços que ofereçam serviços ou eventos culturais e esportivos.

2.4 Caracterização da audiodescrição

Como afirma Motta (2016) converter imagens em palavras, através da audiodescrição (AD), oportuniza aos deficientes visuais o acesso às informações imagéticas, além de favorecer e acrescentar compreensão aos que enxergam.

Os ganhos advindos da audiodescrição ampliam o entendimento das pessoas com baixo letramento, idosos, pessoas com deficiência intelectual,

autistas, disléxicos, pessoas com déficit de atenção, além das pessoas com deficiência visual, que foram o público-alvo deste recurso (MOTTA, 2016, p. 14).

O recurso da audiodescrição (AD) é roteirizado e próprio para pessoas com deficiência, cegos, baixa visão e disléxicos. Pessoas em idade avançada e crianças também se beneficiam desse recurso. A AD transforma imagens em palavras, ou seja, é uma técnica de tradução intersemiótica do meio visual para o verbal, tendo como objetivo principal permitir que haja interpretação do usuário a partir do evento audiodescrito, oportunizando autonomia para compreender conteúdos simbólicos representados não só por eventos culturais, mas também por situações do cotidiano. (MOTTA, 2016)

Esse recurso busca suprir lacunas deixadas a partir do momento em que o espectador cego ou com baixa visão não percebe a informação contida em evento imagético.

As primeiras notícias de utilização da audiodescrição vêm do cinema. No ano de 1989, profissionais do cinema apresentaram alguns filmes no Festival de Cannes, exibidos com o recurso da audiodescrição para a inserção de pessoas com cegueira. O resultado positivo deu início a uma maior demanda da circulação da AD, que passou a ser usada não só no cinema como também em peças teatrais e museus. Sucessivamente o recurso expandiu-se para a indústria televisiva, sendo realidade em profusos setores da televisão, como: programas jornalísticos, entretenimento, esportes, séries, entre outros, inserindo pessoas com deficiência no universo da televisão, contribuindo para que cada pessoa tenha o seu leque próprio de entendimento e apropriação do que se propaga na televisão e para o empoderamento destes usuários que podem escolher seus programas sem depender de outras pessoas para uma descrição “doméstica” das imagens (CUTY; CARDOSO, 2014).

A audiodescrição tem fundamentos próprios e específicos. Reconhecida como recurso fundamental em diversas áreas, precisa ser aplicado de forma objetiva, representando a autenticidade do que está sendo audiodescrito, de modo fiel a verdade da imagem. Recomenda-se que a AD não seja apresentada de forma interpretativa, expressiva e/ou inspiradora.

De acordo com Seemann (2019), a AD não é mera descrição em áudio consistindo em uma tecnologia assistiva, com critérios específicos que empoderam o

público-alvo. Empoderar uma pessoa com deficiência visual por meio da AD significa dar a ela as mesmas informações visuais relevantes que um vidente recebe ao olhar para algo. A AD descreve da forma mais objetiva possível o evento imagético, para que a pessoa com deficiência visual possa formar uma imagem mental desse evento e, assim, fazer o seu próprio julgamento.

Segundo Snyder (2008) e Lima (2010), teóricos da audiodescrição citados por Cuty e Cardoso (2014), ela deve ser realizada de forma clara, objetiva, precisa e neutra.

Nesse caso, interpretar para a AD consiste em traduzir o plural embutido em cada imagem de forma reveladora, propiciando o alcance à informação, às expressões, a conteúdos, à conjugação de conhecimentos, além de evocar emoções, sentimentos e sensações geradas pela imagem. Por outro lado, pressupõe não induzir, não revelar, não impor uma interpretação que o espectador possa alcançar (CUTY; CARDOSO, 2014, p. 82, 83).

Segundo Cuty e Cardoso (2014), não é a qualidade objetiva da descrição da imagem que a torna parte de um sistema coeso, mas sim o seu poder de grandeza imaginária que a conduz a uma consumação de razão imagética.

Compreende-se que é possível construir uma AD sem ser necessariamente objetiva e neutra. A trajetória de pesquisas de Cuty mostra que objetividade e expressividade são elementos distintos e não demandam mutuamente na AD, diversamente, praticam-se em seus usos de maneira integrante, sendo capaz de colaborar para outra visão significativa na construção da AD, aspirando o controle para a realização sob a estrutura da poética da linguagem museológica, porém, simplificada.

2.5 Audiodescrição como mediação

As pesquisas no campo da audiodescrição apontam que pessoas que vivem em situações de exclusão social e cultural apresentam limitações em relação à curiosidade, à interação e à exploração, bem como em formar opinião crítica, abstrair, simbolizar e representar. É dentro dessa visão que o audiodescritor, mediador da AD labora. O audiodescritor proporciona o contato do usuário com o

evento imagético através das locuções audiodescritas, possibilitando a interpretação do conteúdo traduzido e a autonomia para a compreensão de conteúdos simbólicos representados por eventos culturais, o que possibilita a democratização em ambientes culturais, tornando-os ambientes plurais e motivacionais da presença de pessoas com deficiência.

A construção desse tipo de mediação se dá em um primeiro momento com o reconhecimento prévio do local pois é preciso conhecer com detalhes o roteiro traçado que irá receber a mediação acessibilizada, juntamente com um consultor em audiodescrição que irá prestar a consultoria durante este roteiro prévio. Outro integrante fundamental é o locutor da audiodescrição, que é aquele que irá estudar com antecedência o roteiro detalhado, assim como também irá visitar a instituição previamente antes de pôr em prática a locução. O locutor precisa ter a voz clara e um tom que todos possam ouvir, mas sem estrondar, podem surgir perguntas dos visitantes durante a locução, elas precisam ser ouvidas e respondidas simplificadamente, sem intenções de interpretação e inspiração.

O consultor é aquele que realiza o controle de qualidade do produto a partir do ponto de vista dos usuários do recurso. O ideal é que esteja presente em todas as equipes de produção de AD, atuando junto com os demais profissionais em todas as etapas de trabalho, desde a concepção do projeto até a realização do produto final (MIANES, 2016, p. 6)

Para que essas mediações acessíveis sejam eficazes, é apropriado que sejam associadas à acessibilidade atitudinal e comunicacional. Esta última tem como base o uso de uma linguagem mais simplificada e sem gírias; termos técnicos e vícios de linguagem não são eficazes.

Visitar museus é uma experiência pouco frequente para pessoas com deficiência, pela característica eminentemente visual que estas instituições têm. A audiodescrição é uma forma de superar esses limites e de, por exemplo, tornar acessível a fruição de obras de arte. Segundo Barbosa (2008), citado por Tavares (2011), a arte pode ter, entre outras funções, a de uma linguagem aguçadora dos sentidos, que transmite “significados que não podem ser transmitidos por nenhum outro tipo de linguagem, como a discursiva e a científica” (p. 11).

Neste caso, a descrição substitui o enxergar visualmente. O recurso da audiodescrição na mediação em museus possibilita romper a barreira comunicacional e cultural da instituição, para que os visitantes consigam alcançar o

direito de se reconhecer como parte do patrimônio cultural, o que pode gerar perspectivas de identidade, reconhecimento, memória e autoestima.

[A audiodescrição é] uma atividade de mediação linguística, uma modalidade de tradução intersemiótica, que transforma o visual em verbal, abrindo possibilidades maiores de acesso à cultura e à informação, contribuindo para a inclusão social, cultural e escolar (MOTTA; ROMEU FILHO, 2010, p. 7).

2.6 Exemplos de exposições inclusivas com uso de audiodescrição

Algumas iniciativas no sentido da inclusão têm acontecido, como por exemplo, a exposição museológica com audiodescrição “Pelotas na Ponta dos Dedos” (Figura 3), que teve a curadoria da Museóloga Dóris Couto.

Figura 3: Casal de cegos percebendo com detalhes um dos casarões da exposição



Fonte: Registro fotográfico da autora, 2017.

Segundo Couto (2021), a acessibilidade em ambiente cultural é o caminho para o reconhecimento da diversidade humana e da garantia dos direitos culturais das pessoas com deficiência. Contudo, ainda não é uma prática suficientemente frequente em museus e exposições. Pelo contrário, pode-se dizer que é muito escassa e que, quando é oferecida, abrange tão somente soluções para a deficiência física.

A exposição “Pelotas na Ponta dos Dedos” trouxe 10 casarões do entorno da Praça Coronel Pedro Osório em formato de maquetes e fotografias, para que as pessoas com deficiência pudessem tocar e perceber em detalhes a arquitetura dos prédios históricos, foram eles: O Grande Hotel, Teatro Sete de Abril, Prédio das Finanças, Prefeitura de Pelotas e a Bibliotheca Pública.

O recurso da audiodescrição complementou a visita, todos os participantes tiveram acesso a um *Ipod*¹ com fones de ouvido, nele havia todo o roteiro da exposição com o recurso, para cada maquete visitada, e ser ouvido de forma independente, ou seja, cada visitante palpava as maquetes, tinha acesso ao audioguia e à audiodescrição.

Os resultados, conforme informação verbal de Couto (2018) foram satisfatórios. Os visitantes relataram que foi possível entender do que tratava a exposição e conhecer detalhadamente elementos de cada prédio histórico, o que seria inviável sem a associação do tato (com as maquetes disponíveis ao toque) com a audiodescrição. A exposição contou também com legendas tradicionais e em Braille para aquelas pessoas com deficiência visual que tinham entendimento sobre o sistema.

Além da exposição sediada na SeCult, as maquetes táteis e os aparelhos *Ipod* estiveram em exposição na Fenadoce, aberta à interação com o público em geral (Figura 4), aos cuidados da Secretaria de Turismo de Pelotas. Não obtive números exatos de quantas pessoas visitaram a exposição, porém segundo o mediador que estava presente no espaço da SDET na Fenadoce, os relatos das pessoas com e sem deficiência foram positivos.

Figura 4: Grupo de deficientes visuais usando o recurso e percebendo com detalhes a exposição na Fenadoce



Fonte: Registro fotográfico da autora, 2017.

¹*IPod* é uma linha de reprodutores de mídia portáteis e computadores pessoais portáteis projetados e comercializados pela Apple Inc.

Nos casos dos visitantes com deficiência, foi uma experiência que agregou qualidade à visita da Fenadoce e para as pessoas sem deficiência, também foi uma forma curiosa de perceber e entender mais sobre os casarões da cidade.

Outro exemplo de uso de audiodescrição foi a exposição “Rumofotografia analógica” organizada por alunos do cinema e teatro da Universidade Federal de Pelotas. A exposição retratava o cotidiano dos bairros da cidade, com o recurso da audiodescrição para pessoas com deficiência visual (Figura 5). Foram disponibilizados aparelhos MP3², com o material audiodescrito conforme o roteiro das imagens. O aparelho ficava a disposição de quem precisava usar o recurso, garantindo a acessibilidade da exposição fotográfica. O acesso aos relatos dos visitantes que teve contato dentro da exposição permitiu observar que a exposição obteve resultados relativamente satisfatórios: por um lado, gerou interatividade dos visitantes e aumento de público, pois diante da escassez de exposições acessibilizadas, os visitantes com deficiência visual se sentem representados e prestigiam quando elas acontecem. Por outro lado, a locução da audiodescrição não aconteceu de modo adequado.

Figura 5: Grupo de deficientes visuais usando o aparelho MP3 e o tato na “Rumo de fotografia analógica”



Fonte: Registros fotográficos da autora, 2018.

Todo ambiente cultural acessibilizado requer pesquisa, e esse não foi diferente, uma audiodescritora, Ellen de Souza Guilherme e um consultor³ em audiodescrição,

²O MP3 é um dos primeiros tipos de compressão de áudio com perdas quase imperceptíveis ao ouvido humano

³Consultor em audiodescrição é um conhecedor das técnicas em audiodescrição de preferência o consultor precisa ser uma pessoa com deficiência visual.

Leandro Freitas Pereira foram contratados para traduzir as imagens em palavras, no total foram 30 fotografias em preto e branco e colorido, na vertical e na horizontal. Feita a audiodescrição, a etapa seguinte foi à gravação das locuções, através do dispositivo MP3. Porém, diferentemente da exposição “Pelotas na Ponta dos Dedos”, os resultados da exposição Rumo, principalmente a locução, não obtiveram o êxito esperado, pois o tom de voz e ritmo utilizados induzia à melancolia, o que provocou queixas de cansaço e desinteresse nas pessoas que fizeram o uso.

3. A EXPERIÊNCIA DO CITYTOUR ACESSÍVEL

O CityTour Acessível foi um evento organizado pela Secretaria de Desenvolvimento e Turismo da Prefeitura Municipal de Pelotas, no mês de setembro de 2017, em comemoração à Semana do Turismo. Este evento teve como objetivo promover roteiros acessíveis com o recurso da audiodescrição para pessoas com deficiência visual, com o intuito de oferecer a esses participantes uma experiência de visita adaptada e mediação inclusiva durante o passeio.

O passeio foi divulgado pela rede social Facebook (Figura 6) como “evento” sobre o que a experiência turística acessível proporcionaria no intuito de oferecer ao público informações e até mesmo futuras inscrições para o passeio. O CityTour Acessível encontrou uma boa acolhida e recebeu a adesão de 20 pessoas.

Figura 6: Convite para o CityTour Acessível



Fonte: Prefeitura Municipal de Pelotas, 2017a.

Além das redes, jornais locais divulgaram em página inteira o passeio e a experiência acessível proporcionada no Museu Municipal Parque da Baronesa, como forma de fomentar o turismo na cidade

O objetivo é claro: encantar-se para poder encantar. O alvo que se quer atingir também é claro: fazer com que os próprios moradores de Pelotas descubram as belezas dessa terra desbravem histórias por trás de histórias oficiais e se comprometam em bem receber quem desembarca por aqui. Neste sábado (30), segundo a lógica de promover o encantamento, será realizado o 1º CityTour Acessível. Um roteiro destinado a pessoas com

deficiência, com três paradas: Centro Histórico, Museu da Baronesa e praia do Laranjal (FERREIRA, 2017).

O CityTour Acessível foi oferecido para todas as pessoas com deficiência visual, com idades entre 18 e 50 anos. O convite foi feito informalmente, de modo *on-line*, através de um link fornecido pelo Google, tendo as seguintes informações:

A Prefeitura Municipal de Pelotas, através da Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo – SDET convida pessoas com deficiência a participarem do CityTour Acessível pelo Centro Histórico, Museu da Baronesa e Praia do Laranjal, que acontecerá no dia 30/09. (SDET, 2017)

Também havia no informativo o Regulamento do passeio: “Passeio gratuito em transporte especializado, para maiores de 18 anos, vagas limitadas e direito a um acompanhante para deficientes auditivos” (SDET, 2017). Logo abaixo dessas informações, estava disponível o link para inscrição, telefone para contato e e-mail.

A ação contou com transporte fornecido pela Secretaria de Desenvolvimento e Turismo de Pelotas para a locomoção dos mesmos, partindo do Largo do Mercado com destino ao Museu Municipal Parque da Baronesa. A duração total do passeio foi de 3h e 30 minutos.

Neste roteiro foram visitados diversos pontos históricos da cidade: o Museu Municipal Parque da Baronesa, a Praça Coronel Pedro Osório, os Casarões Dois, Seis e Oito (Figura 7), o Mercado Central (Figura 8), o Teatro Guarany, o Grande Hotel – situados no entorno da Praça - e a Praia do Laranjal (Figura 9).

Figura 7: Detalhe da experiência tátil no Casarão Oito



Fonte: Registro fotográfico da autora, 2017.

Figura 8: Visitação ao Mercado Público



Fonte: Registros fotográficos da autora, 2017.

Figura 9: Visitação à praia do Laranjal



Fonte: Registro fotográfico da autora, 2017.

3.1 CityTour Acessível – experiência no Museu Municipal Parque da Baronesa

Organizada para pessoas com deficiência visual, esta experiência aborda o Museu Municipal Parque da Baronesa (MMPB) como objeto cultural e contou com o recurso da audiodescrição como principal ferramenta para o desenvolvimento da acessibilidade. Esse recurso permite transformar os conteúdos imagéticos em verbais para ampliar o diálogo e a participação do público, principalmente das pessoas com deficiência.

O Museu Municipal Parque da Baronesa foi um dos pontos escolhidos para sediar o I CityTour Acessível proporcionado pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo (SDET), sendo o Museu a primeira parada a receber a mediação acessível com o recurso da audiodescrição, elaborado previamente.

A sequência metodológica aplicada na experiência que aconteceu no Museu, foco deste estudo, envolveu primeiramente visitas para o reconhecimento do local. Para elaborar a audiodescrição da visita ao MMPB, inicialmente traçou-se um roteiro, no qual foram avaliados e discutidos os elementos e características relevantes para terem seus conteúdos visuais traduzidos para conteúdos verbais de maneira simplificada. Acompanhou-se a mediação feita por dois funcionários da instituição: Fabiane Morais e Marcelo Madail, pois é fundamental conhecer antecipadamente o trajeto a ser percorrido para observar os elementos essenciais, naquele contexto, para a construção imagética dos deficientes visuais.

O trabalho requereu uma equipe interdisciplinar, alunos da Museologia, Letras e Turismo, Marisa Helena Degasperi, transcreveu o roteiro juntamente com o aluno da Museologia que é Consultor em AD, Leandro Freitas Pereira.

Especificamente eu, Ellen de Souza Guilherme, fui a responsável pela locução audiodescritiva, trabalho que requer estudo antecipado, leitura do roteiro e conhecimento do local.

Os turismólogos, Leonardo Reichert, Cíntia Curvello e Miriam Marta Garcia, contribuíram como voluntariado e acompanhantes dos visitantes, também agregando com falas.

Na visita ao Museu Municipal Parque da Baronesa, durante o CityTour, além dos voluntários, três trabalhadores da instituição se somaram ao grupo e acompanharam os visitantes durante o percurso pelas salas expositivas, agregando à experiência sua expertise sobre as exposições, o acervo e o contexto histórico do Museu.

Associado ao recurso da AD, os visitantes tiveram a oportunidade sensorial de apalpar peças de alguns cômodos do Museu, selecionadas com o auxílio do conservador e restaurador Marcelo Madail. No quarto de vestir puderam tocar o guarda roupas, a poltrona de chá da Baronesa, os pés torneados das cadeiras; no quarto de dormir, a cabeceira e mosquitoireiro da cama e o criado mudo; no quarto dos filhos os participantes puderam enxergar com as mãos um berço de madeira e a cama. Nos outros cômodos eles tiveram a experiência de tocar nos azulejos em

revelo da parede, na namoradeira, no cofre do Barão e na mesa da sala de jantar. A experiência tátil enriqueceu a mediação inclusiva, tornando possível imaginar a verbalização da AD, o que tornou o resultado ainda mais satisfatório.

As imagens da Figura 10 mostram a experiência tátil sobre o acervo do MMPB.

Figura 10: Visitantes em experiência tátil no mobiliário do MMPB



Fonte: Registro fotográfico da autora, 2017.

No caso do Museu da Baronesa, a audiodescrição ao vivo (Figuras 11e 12), permitiu que a locutora pudesse acrescentar informação extra ou fazer adequações diante de algum imprevisto, e uma eventual inclusão de novos elementos durante o trajeto. A locutora, segundo os participantes, teve uma boa dicção, articulação com a pronúncia das palavras e o tom de voz, de forma que possibilitou a audição dos visitantes, sem dificuldade.

Figura 11: Locução audiodescritiva do quarto de vestir do MMPB



Fonte: Adaptado de Prefeitura Municipal de Pelotas, 2017b.

Figura 12: Locução audiodescritiva da entrada do MMPB



Fonte: Adaptado de Prefeitura Municipal de Pelotas, 2017b.

Figura 13: Reportagem sobre o passeio acessível

www.diariopopular.com.br

Editor: Jairo Tomazewski e Débora Borba

CIDADES

Tomazewski 10



**Passeio acessível na
Semana do Turismo**

Inclusivo. Guia descreveu os locais visitados

Parceria entre universidade e prefeitura promoveu atividade turística durante o final de semana em Pelotas.

Por Roberto Giovanaz
roberto.giovanaz@diariopopular.com.br

"Estamos na entrada do parque onde estão localizadas colunas cilíndricas brancas com um globo na ponta, elas são separadas por um passeio com arbustos floridos e com uma distância de quatro metros entre uma e outra. À direita, há uma casa antiga azul de dois andares onde funciona, atualmente, a Secretaria de Qualidade Ambiental", as palavras são narradas pela estudante de museologia Elen Souza. A narrativa, ambientava o Parque da Baronesa na tarde de sábado, para 17 pessoas que participaram da 1ª City Tour Acessível.

A atividade foi promovida pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo (Sdet) em parceria com o grupo Olhos de Soya e estudantes dos cursos de Letras, Museologia e Turismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). O passeio foi voltado ao turismo inclusivo e direcionado a pessoas com deficiência. Durante toda a atividade, guias leram áudio-descrições para deficientes visuais e falaram um pouco da história de Pelotas e das características dos locais onde o ônibus passava e sobre os espaços visitados.

Com saída do largo Edmar Fetter, o grupo ainda visitou o Parque da Baronesa, com visita guiada ao museu, à Praia

do Laranjal e ao Centro Histórico - tudo com acompanhamento de um grupo de estudantes e da Sdet. "É muito bom porque mostra respeito e carinho com a gente. É uma oportunidade para as pessoas com dificuldades", resumiu a paratleta Marli Matias. Com um ônibus do transporte coletivo disponível para o passeio, a cadeirante pôde acessar locais que não costuma visitar.

"O museu é em estilo colonial rosa, possui 69 janelas externas e nove portas. Nas extremidades do prédio estão posicionadas estátuas", explicava Elen ao grupo, na entrada do Museu da Baronesa. A também paratleta Denise Hax usou a oportunidade para se inteirar a respeito de locais que possuem acessibilidade. "Como eu recebo gente de outras cidades, de fora do estado, é legal pra saber onde eu posso levar e que tem acessibilidade", explica Denise. Com deficiência visual, Denise ouvia atenta as descrições que eram lidas e pedia características dos ambientes a sua volta. IDP

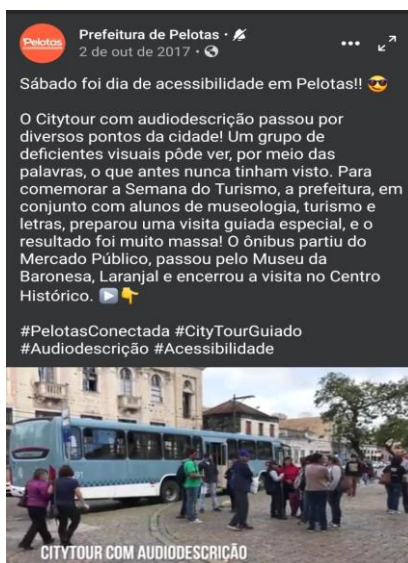
INCLUSÃO

Além da City Tour Acessível, a Sdet lançou, durante a Semana do Turismo, o primeiro Guia de Informações Turísticas de Pelotas em braille e o Roteiro Acessível através do aplicativo Pelotas Tem, voltado ao turismo local. "É gratificante pra gente fazer esse passeio diferente. Este foi o primeiro, no próximo queremos mais pessoas", planeja Liliane Caldas, chefe do do Departamento de Gestão e Projetos Turísticos, da Sdet.

Fonte: Jornal Diário Popular, 2017.

O evento teve uma boa repercussão e seu resultado foi divulgado em redes sociais da Prefeitura de Pelotas. A Prefeitura divulgou no Facebook (Figura 14) uma filmagem, a qual mostrou todo o roteiro percorrido e avaliações satisfatórias sobre a iniciativa. O vídeo teve, até maio de 2021, 31 compartilhamentos e 15 comentários também positivos.

Figura 14: Postagem sobre o Citytour e vídeo disponível no Facebook da PMP



Fonte: Prefeitura Municipal de Pelotas, 2017b.

3.2 Relatos dos participantes após a experiência com o CityTour

Para avaliação dos resultados foram usados relatos de participantes, voluntários e funcionários do Museu Municipal Parque da Baronesa.

Os relatos foram obtidos de forma escrita e enviados via e-mail pelos participantes no mês de abril de 2021. Obteve-se três relatos de participantes beneficiários da experiência, três relatos dos organizadores do evento e um relato da instituição MMPB. Além disso, foi utilizada uma entrevista de participante, coletada após o evento, pela Prefeitura Municipal de Pelotas.

No relato de Fabiane Moraes, conservadora e restauradora da instituição, se pode perceber que a oportunidade de participar de ações de inclusão foi significativa para a equipe do Museu da Baronesa. Por ocasião do *CityTour Acessível*, o Museu que se caracteriza pelo não tocar, se adaptou a necessidade de incluir e de permitir a exploração pelas mãos dos visitantes para atender às necessidades de

acesso desse público. O desafio foi ainda mais importante devido às inúmeras dificuldades arquitetônicas no decorrer do trajeto expositivo, essas experiências repercutiram e impactaram a equipe.

O *CityTour Acessível* foi fundamental para que fosse percebido que somente com um projeto de identificação dos pontos fracos, diagnóstico e instrumentalização pode tornar o MMPB mais inclusivo (Fabiane Morais, 2021)

Uma das participantes do *CityTour* - a entrevistada que aparece no vídeo feito pela Prefeitura Municipal de Pelotas foi a dona Neuza Maria Gomes, deficiente visual que diz:

Sou portadora da deficiência de baixa visão e essa visita guiada foi bem diferente de outra que eu já fiz a um tempo atrás. Eu consegui observar maiores detalhes, observei mais coisas que não tinha observado antes. Eu achei a visita muito legal, muito importante (Neuza Maria Gomes, 2017).

Em seu relato, o consultor e voluntário do *CityTour* Leandro Freitas Pereira (2017) conta que

Participar desse tipo de atividade é muito importante para aproximar as pessoas com deficiência visual. Os museus têm importante função social, afinal, eles contam a história e cultura local, mas as pessoas com deficiência visual nem sempre têm oportunidade de usufruir desses espaços culturais. Essa iniciativa de passeios com recursos de acessibilidade foi importante para levar esse público que não está habituado a frequentar esses locais. Por ter deficiência visual e saber das dificuldades de acesso a fruição dos conteúdos nos museus, foi que pensei em planejar esse passeio.

Para o Museu foi importante receber o público como deficientes visuais para ter entendimento sobre como é possível oferecer atividades com quem não enxerga tirar proveito de uma visita como essa (Leandro Freitas Pereira, 2017).

Cíntia, turismóloga e voluntária do *CityTour* relatou que:

A minha participação como turismóloga onde em outros pontos turísticos apresentei a história e curiosidades. No Museu da Baronesa fui como guia para ajudar os participantes do evento e assessorar no que fosse necessário. O *CityTour* no Museu foi maravilhoso, a equipe, foi maravilhosa tanto na recepção com os participantes até o responsável por apresentar o Museu para os participantes do evento, contando cada detalhe, tendo a sensibilidade de entender o modo diferente que os participantes tiveram de “ver” os objetos e vestimentas que são apresentados dentro do Museu. Foi muito importante para minha profissão participar do *CityTour*, onde pude compreender a importância da acessibilidade para todos os grupos que necessitam. Perceber a importância dos locais da cidade estarem preparados para receber da forma correta o público. Não foi só um novo olhar dos participantes, foi pra mim também, um novo jeito de olhar e sentir o Museu da Baronesa. (Cíntia, 2021)

Segundo relata Louise, mãe e acompanhante do participante com baixa visão:

Foi um passeio muito bom, bem organizado, onde tive a oportunidade de conhecer um pouco da história do município de Pelotas, bem como seus pontos turísticos. O *CityTour* foi uma experiência de inclusão social, pois possibilitou não apenas as pessoas com deficiência visual acesso a informações, mas fez com que essas pessoas pudessem estar incluídas em uma sociedade tão excludente. Enfim, foi um passeio incrível e de lembranças maravilhosas. (Louise, 2021)

Outro relato positivo foi do Luiz Pedro, participante com baixa visão e beneficiário do passeio, ele diz:

Através dessa oportunidade que me possibilitou conhecer um pouco mais sobre o Museu da Baronesa, e a história de Pelotas de uma maneira onde realmente estava inserido. Foi um passeio incrível, muito acessível e de muito conhecimento e aprendizado. Com certeza, o passeio me possibilitou o acesso a informações que talvez eu nunca pensei em ter, mas foi de extrema importância para meu crescimento pessoal. Ao finalizar, gostaria de parabenizar a todos os envolvidos no projeto e também agradecer a oportunidade de participar do mesmo, que deveria ser exemplo para outros projetos, propiciando um *CityTour* de conhecimento e acessibilidade que insere um deficiente visual em um mundo para além do conhecimento e que as barreiras estão para serem desconstruídas e criarem possibilidade (Luiz Pedro, 2021)

Ao analisar os relatos, percebemos que há muitas falas e opiniões em comum, na maioria dos relatos, os participantes dizem que a visita foi muito proveitosa e que foi possível perceber em detalhes as informações do Museu pelo fato de a visita ter contado com os recursos de acessibilidade comunicacional e atitudinal. Outro ponto que chama a atenção nas falas é o comentário de que se não fosse a oportunidade dada pelo *CityTour* e pelo pessoal envolvido, talvez esse participante não tivesse outra chance de conhecer com o acervo com tantos detalhes nem o acesso à informação sobre o Museu.

Em quase todos os relatos, observamos que os visitantes associaram a visita ao Museu a uma oportunidade de conhecer ainda mais sobre a cidade de Pelotas, o que enriquece ainda mais a experiência vivida por eles. Também falam que o *CityTour Acessível*, como foi o primeiro na cidade, pode inspirar outras instituições, outros projetos.

Os relatos dos voluntários são bem específicos, o ponto principal que eles tocam é do quanto é gratificante a experiência proporcionar conhecimento e acessibilidade para aqueles que necessitam de um atendimento especializado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Museu Municipal Parque da Baronesa foi a experiência escolhida por mim para pensar sobre acessibilidade e o uso de audiodescrição em museus por ter sido a sede em que a equipe do *CityTourAcessível* colocasse em prática ações inclusivas e mediações acessíveis com o recurso da audiodescrição. Além do Museu, a monografia traz outros exemplos de exposições acessíveis com este recurso, juntamente delas, o resultado de cada uma.

Em todos os exemplos apresentados, o processo de construção da acessibilidade, requereu estudos prévios e planejamento, elenquei algumas melhorias para que a audiodescrição seja feita com êxito, como por exemplo, tom de voz, dicção, descrever apenas conteúdos relevantes ou, até mesmo, incluir na audiodescrição outros elementos e aspectos, como foi o caso do Museu da Baronesa onde a audiodescrição foi feita “ao vivo”, logo, surgiram dúvidas no decorrer da visita que ensejaram o diálogo e a interação. Conseguimos obter a opinião dos participantes através de relatos que foram feitos e, em todas elas, se destacavam a satisfação e o encantamento pela visita.

A inserção de recurso acessível em ambientes culturais demanda interesses atitudinais e envolvimento de pessoas com deficiência aptas para contribuir com o planejamento de ações, sendo elas permanentes ou temporárias. Ações como essa são fatores motivadores da presença de deficientes visuais em lugares públicos, tornando-se uma excelente maneira de quebrar barreiras atitudinais e comunicacionais, que na maioria das vezes, a interação entre pessoas com e sem experiência. O *CityTourAcessível* cumpriu com o objetivo, sem deixar lacunas que o tornassem ineficaz.

Minha participação se constituiu no estudo e locução da audiodescrição durante a visita, entre o contexto histórico do mediador, o que me fez perceber a importância dessa ferramenta comunicacional, afinal, como seria possível uma pessoa com deficiência entender o objeto apresentado, se não tocando ou ouvindo com detalhes as informações contidas? Assim, é de grande importância que os ambientes culturais tenham a ambição de tornar permanente a comunicação acessibilizada durante as mediações, o que torna as instituições mais plurais, democráticas e acolhedoras.

Para os envolvidos na organização foi uma experiência positiva, pois a oportunidade de ressignificar conceitos equivocados sobre a deficiência visual, além de descobrir dentro de suas áreas de formação novos potenciais de aplicação através da acessibilidade e inclusão.

REFERÊNCIAS

CURY, Marília Xavier. **Comunicação museológica** - uma perspectiva teórico metodológica de recepção. 2005. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Marilia-Cury/publication/259866616_Comunicacao_Museologica_-_Uma_Perspectiva_Teorica_e_Metodologica_de_Recepcao/links/0c96052e38f99eb32a000000/Comunicacao-Museologica-Uma-Perspectiva-Teorica-e-Metodologica-de-Recepcao.pdf. Acesso em: 03 abr. 2021.

CUTY, Jeniffer; CARDOSO, Eduardo (Orgs.). **Acessibilidade em ambientes culturais**. Porto Alegre: Marca Visual, 2014.

COUTO, Doris. **Exposições Acessibilidade e a Experiência do Visitante**. Porto Alegre: Marca Visual, 2021.

DE LEÓN, Zênia. **Pelotas**: Casarões contam sua história. v.1. Pelotas: Ed. Livraria Mundial, 1993.

FERREIRA, Michele. O segredo de encantar-se para encantar. **Diário Popular**, Pelotas, 28 set. 2017.

GIOVANAZ, Roberto. Passeio Acessível na Semana do Turismo. **Diário Popular**, Pelotas, 29 set. 2017

MIANES, Felipe Leão. Consultoria em audiodescrição: alguns caminhos e possibilidades. In: CARPES, Daiana Stockey. **Audiodescrição**: práticas e reflexões. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2016.

MOTTA, L. M. V. de M.; ROMEU FILHO, P. (Orgs.) **Audiodescrição**: transformando imagens em palavras. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

MOTTA, Livia Maria Villela de Melo. **Audiodescrição na escola**: abrindo caminhos para leitura de mundo. Campinas: Pontes Editores, 2016.

MUSEU DA BARONESA. **Card Informativo**. Pelotas: Equipe Baronesa, 2017.

PEREIRA, L. F. Acessibilidade no Museu da Baronesa: um modelo de interdisciplinaridade e inclusão cultural. In: ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE MUSEOLOGIA, 11., 2018, Recife, **Anais eletrônicos** [...]. Recife: UFPE, 2018.

SALASAR, Desirée Nobre; MICHELON, Francisca Ferreira. Os museus federais e as barreiras de acessibilidade comunicacional. In: BACHETINI, Andréa Lacerda; BOJANOSKI, Silvana de Fátima (Orgs.). **Anais da Semana dos Museus da UFPel**: 2020. Pelotas: UFPel, 2020.

SEEMANN, Paulo Augusto Almeida. A produção de roteiros de áudio-descrição de vídeos feita por iniciantes: dificuldades comuns e sugestões para evitá-las. **Revista Educação Especial**, v. 32, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/35720/html>. Acesso em: 05 maio 2021.

TAVARES, Liliana Barros. Mediação inclusiva: acessibilidade para as pessoas com deficiência nos espaços de disseminação artística e cultural. **Revista Brasileira de Tradução Visual**, v. 9, n. 9, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/7021235/Media%C3%A7%C3%A3o_inclusiva_acessibilidade_comunicacional_para_produtos_culturais. Acesso em: 05 maio 2021.

APÊNDICES

1 Audiodescrição locucionada no Museu Municipal Parque da Baronesa: exemplo os quartos de vestir e dormir;

Quarto de vestir:

- Chegamos ao quarto de vestir dos Barões, à nossa esquerda, têm três guarda-roupas em formato retangular, feitos em madeira na cor escura. A parte superior deles é decorada com a madeira entalhada com o brasão da família Antunes Maciel, a baixo, centralizado no roupeiro, há um longo espelho que se estende até os pés e no canto inferior direito, tem uma pintura de flor e folhas feita pela Baronesa como parte da decoração do espelho. À nossa direita, está o roupeiro do barão e uma mesa de chá, que é composta por duas cadeiras de ambos os lados e a mesa ao centro, os três elementos estão unidos pela mesma madeira escura e tem os pés torneados. Em cima da mesa, há duas xícaras e pires brancos, entre elas, tem um bule da mesma cor.

Houve algumas pausas durante essa locução, para que os visitantes pudessem tocar na mobília com exceção da pintura no espelho da Baronesa.

No quarto de dormir, a seguinte locução:

- Passamos para o quarto de dormir dos Barões, à nossa direita, tem uma mesa penteadeira de madeira escura, além do espelho, sobre ela há frascos transparentes de perfume, que já está sem o líquido, duas escovas de cabelo e um espelho de mão. Ao lado dela está a cama do casal, em madeira na cor escura com mosquiteiro, de ambos os lados da cama, estão os bidês e aos pés da cama, há um baú, feito em madeira e decorado em couro.